

# Identificando duas obras da livraria da Rainha D. Leonor (1458-1525): O Livro dos Boos Costumes e o *De Ornatu Mulierum*\*

*Identifying two works from the library of Queen Leonor (1458-1525): The Book of Good Manners and De Ornatu Mulierum*

**ANA ISABEL BUESCU**

NOVA-FCSH/CHAM

[aib@fcsch.unl.pt](mailto:aib@fcsch.unl.pt)

<https://orcid.org/0000-0002-5938-8463>

Texto recebido em / Text submitted on: 31/10/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 02/03/2026



**Resumo.** Assinalaram-se em 2025 os 500 anos da morte da rainha D. Leonor (1458-1525), figura singular e interveniente na história política, social e cultural do seu tempo. Os livros e a cultura escrita foram parte integrante dos seus interesses, tendo a rainha patrocinado a publicação de obras cimeiras da proto-tipografia portuguesa, sendo também possuidora de uma livraria que hoje sabemos ter tido uma dimensão notável para o seu tempo. No contexto de uma panorâmica de conjunto da sua livraria, este texto dará especial destaque aos seus livros de carácter profano, sublinhando a diversidade temática que reflecte o eclectismo de interesses de D. Leonor. Em particular, procederemos à identificação de duas obras, de cariz bem diverso mas ambas de grande significado cultural.

**Palavras-chave.** D. Leonor, livraria, Christine de Pisan, *De Ornatu Mulierum*.

**Abstract.** The year 2025 marks the 500<sup>th</sup> anniversary of the death of Queen Leonor (1458-1525), a unique figure who played an important role in the political, social and cultural history of her time. Books and written culture were an integral part of her interests, and the queen sponsored the publication of seminal works of early Portuguese typography. She also owned a library that we now know to have been remarkable in size for its time. In the context of an overview of her library, this text will give special emphasis to her secular books, highlighting the thematic diversity that reflects the eclecticism of Queen Leonor's interests. In particular, we will identify two works, which are very different in nature but both of great cultural significance.

**Keywords.** D. Leonor, library, Christine de Pisan, *De Ornatu Mulierum*.

---

\*A primitiva versão deste texto corresponde à comunicação apresentada às *Jornadas sobre os 500 Anos da morte da Rainha D. Leonor*, Lisboa, Casa Ásia, org. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em parceria com o CSEM-NOVA/FCSH e a CML/DMC/GEO, 17 e 18 de Setembro de 2025.

## Introdução

A rainha D. Leonor (1458-1525), cujo 5º centenário de morte assinalamos em 2025, é uma figura extraordinária da história portuguesa, quer sob o ponto de vista da sua trajectória pessoal e humana, a que não falta uma dimensão trágica, quer das iniciativas que tomou e das acções que cumpriu ao longo da vida. Os embates da sangrenta política anti-senhorial de D. João II na sua família, a dramática morte do seu único filho Afonso e o papel determinante na ascensão do seu irmão Manuel ao trono definem uma personalidade a quem a vida não poupou os desafios. Num outro plano, a institucionalização das Misericórdias, a protecção e incentivo de figuras como Gil Vicente e a sua arte (MARTINS 1958: 249)<sup>1</sup>, as suas ligações ao mundo do humanismo italiano e especificamente florentino, hoje bem conhecidas (LOWE 2000; SOUSA 2002), ou o patrocínio de obras cimeiras da proto-tipografia portuguesa são aspectos centrais da sua inserção actuante e diversa no seu tempo e no seu espaço (SÁ 2016).

O texto adiante diz respeito a um dos aspectos desta galáxia de interesses e de acções da rainha D. Leonor que foram os livros. Após uma panorâmica sobre os conteúdos da sua livraria, em particular dos livros de carácter profano, focaremos a nossa atenção em duas obras que não foram até hoje identificadas, que vêm enriquecer o que sabemos sobre os interesses e os livros da rainha.

### 1. Os livros da rainha

Não conhecemos de forma integral a composição da livraria da rainha D. Leonor, mas a aquisição no início dos anos quarenta do século XX, pela Biblioteca Nacional de Portugal, entre outros manuscritos, de um pequeno códice do século XVI que incluía um inventário dos seus livros (BNP cod. 11352) e a sua posterior publicação e estudo por Isabel Cepeda foram decisivos para permitir uma importante aproximação aos livros que a rainha possuiu (CEPEDA 1987).

Na verdade, o documento, datado de 1537, produzido no Convento da Madre de Deus cerca de 12 anos após a morte da rainha, além de diversas

---

<sup>1</sup> “por ser cousa nova em Portugal gostou tanto a Raynha velha desta representação [*Auto da Visitação*, 1502], que pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal”. Gil Vicente não fez representar o mesmo auto, compondo então o *Auto Pastoril Castelhana*, e um outro, para o dia de Reis, escrevendo então o *Auto dos Reis Magos*, a que se seguiram muitos outros com o patrocínio da rainha.

relações de objectos de culto e retábulos, inclui um inventário dos livros legados ao Convento, que a rainha fundara em 1509. Podemos supor que fosse parte substancial dos livros que possuiu, dada a sua estreita ligação àquela casa conventual, e sobretudo o teor do seu testamento, desaparecido mas em parte transcrito por Fr. Jerónimo de Belém (1755: 85-86). Neste declarava deixar, entre muitas outras preciosidades, como relicários, cálices e outros objectos de culto, paramentos e retábulos,

todos meus livros de latim e os da lingoagem e quaesquer Breviarios, diurnaes, cadernos, contemplações, orações, quantos se acharem em minha Capella, Oratorio, arcas todos se entreguem á Madre Abbadessa do dito Moesteiro; e assi lhe seja entregue o Breviario que agora mandei fazer para rezarem por elle no Coro, ho qual he de purgaminho porque [sic] ora rezão os Capellães em minha capella; e assi os livros, porque [sic] me lem á mesa, com todos os outros, que em minha casa acharem (Fr. JERÓNIMO DE BELÉM 1755, Liv. XIII, cap. XXI: 86).

O legado à Madre de Deus inventariado em 1537, que ascendia a oitenta e dois livros, não dizia, no entanto, respeito à totalidade da sua livraria. Por exemplo, dele não consta a monumental edição da tradução portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, de 1495, por Nicolau de Saxónia e Valentim Fernandes, marco maior da tipografia quatrocentista e considerada até aos anos sessenta do século XX o primeiro incunábulo em língua portuguesa, edição patrocinada por D. João II e pela rainha, que obviamente estaria entre os seus livros; ou a *Bíblia* em latim em dois volumes *in-folio*, impressa em Basileia em 1498, incunábulo pertencente à Biblioteca Nacional (BNP, INC. 71-72) que ostenta a seguinte nota manuscrita: “Este livro foi da Rainha dona Lianor [...] nom se pode dar a nemguem de todo sô pena de excomunhão porque asi deixou que fezese em seu testamento”; pelo formato, não poderia corresponder às “Duas Brivias pequenas” arroladas no inventário (CEPEDA 1987: 53, 58; CUSTÓDIO 2018: 37-38).

Idêntica anotação tem a edição castelhana da *Vita Christi*, mandada imprimir pelos Reis Católicos em 1502, pertença da Biblioteca de D. Manuel II: “Este livro nõ se pode dar fora sob pena d’escmunhão porque foy da rainha dona Lianor” (CEPEDA 1987: 53), bem como o *Cõpendio de la Salud Humana*, incunábulo de 1494, exemplar do Museu Nacional de Arqueologia. Também uma outra obra, a *Vita Patrum*, deixada à Madre de Deus pela rainha, hoje pertença do Arquivo Distrital de Leiria, ostenta anotação semelhante (SÁ 2016: 258). Dos casos invocados – e outros haverá – podemos inferir

que D. Leonor terá feito outros legados, embora menores, de livros, a pessoas ou instituições religiosas, ou que o inventário de 1537 não cobria, por motivo que desconhecemos, a totalidade dos livros da rainha.

Uma carta de quitação de 1538, passada a Leonor Álvares, criada da rainha e que tinha a seu cargo a “guarda das cousas de seu oratório” menciona, entre outros objectos de que se dá por quite, “vinte e oito fronhas de livros e duzentos e hũ livros de sortes”, correspondendo a 231 livros (CUSTÓDIO 2018: 37), acrescentando-se que “foram entregues à abadessa e freiras do Mosteiro da Madre de Deus, onde as deixou por verba de seu testamento”. Sendo o documento posterior à inventariação dos livros em 1537, poderiam assim explicar-se algumas ausências gritantes neste rol, e ainda especular sobre a verdadeira dimensão da livraria da rainha D. Leonor, colocando-a num outro patamar (*Chancelaria de D. João III, Doações*, Livro 44, f. 68, cit. CEPE-DA 1987: 53-54; CUSTÓDIO 2018: 37)

Apesar de todas as incertezas, a livraria da rainha seria, numa perspectiva comparada, de grande dimensão no contexto da época, mais significante ainda se considerarmos as livrarias possuídas por mulheres (VITERBO 1902: 26-41; BUESCU 2016: 82-83; CÁTEDRA e ROJO 2004). De acordo com Ivo Carneiro de Sousa a livraria de D. Leonor “deve ter constituído uma das mais importantes colecções de livros do seu tempo, certamente a mais extensa reunida por uma personagem feminina” (SOUSA 2002: 889).

## 2. Conteúdos

Tomando como ponto de apoio o inventário de 1537, publicado e estudado por Isabel Cepeda em 1987, vejamos os seus conteúdos, deles traçando uma visão de conjunto. Apesar de não ser possível uma identificação segura de todas as obras, era apreciável a variedade de temas, entre história, filosofia, literatura antiga e coeva, saber enciclopédico, agricultura e medicina, evidenciando um leque alargado de interesses por parte de D. Leonor. Naturalmente, os livros de teor religioso ocupavam um lugar de destaque entre os livros da rainha. Assim, tinham especial protagonismo os livros necessários ao cumprimento das obrigações religiosas, práticas litúrgicas e devocionais quotidianas, como os confessionários, breviários, missais, sermonários, os seus magníficos livros de horas, três deles identificados por notas de pertença, correspondendo às *Perfeitíssimas Horas da Rainha D. Leonor* (BNP IL. 165), às *Pequenas Horas da Rainha D. Leonor* (BNP IL. 166) e ao recentemente identificado códice de Baltimore por Delmira Custódio (Walters Art Museum, Ms. W.

196. CUSTÓDIO 2018: 38), bem como a literatura espiritual e as vidas de mártires e de santos, surgindo maioritariamente em latim, mas também em português e castelhano.

### 3. Obras patrocinadas pela rainha D. Leonor

É sabido o papel destacado que a rainha D. Leonor teve no primeiro impulso da actividade tipográfica em Portugal, e este inventário testemunha isso mesmo. Se, como referimos, a edição da *Vita Christi* por ela patrocinada não consta deste rol mas integrava a sua livraria, aqui encontramos várias obras cuja edição a rainha promoveu e patrocinou: o *Livro de Marco Polo*, impresso em 1502 por Valentim Fernandes, “escudeyro da excellentissima Raynha Dona Lyanor”, uma das mais precoces edições europeias da obra em vernáculo (RESENDE 2018); o *Auto dos Apóstolos*, versão portuguesa da segunda parte de “uma obra hagiográfica de grandes dimensões compilada por ordem do rei Afonso X”, publicada em 1505, em dois exemplares (CEPEDA 1987: 76); o *Boosco Deleytoso*, obra marcante da espiritualidade medieval, publicado em Lisboa em 1515; o *Espelho de Cristina*, versão portuguesa do *Livre des Trois Vertus* de Christine de Pisan, dado à estampa em 1518, em dois exemplares. A pedido expresso da rainha, o monge jerónimo Fr. António de Beja escreveu a obra *Contra os Juízos dos Astrólogos*, publicada em 1523, peça da polémica em torno da astrologia divinatória no contexto do prognóstico do fim do mundo para 1524, que ocorreria através de um segundo dilúvio universal, em virtude da conjunção do sol e da lua, sob o signo de Peixes, anunciado pelos matemáticos e astrólogos Johannes Stoëfler e Jacob Pflaum no *Almanach* para o período de 1493-1531 (SOLÉ 1979: 218-229).

### 4. Livros profanos

Sendo que os livros de carácter religioso tinham natural supremacia entre os livros da rainha, a nossa atenção incidirá sobre algumas obras de carácter profano, que nos permitem divisar gostos literários, aspectos da presença da cultura antiga e do Renascimento numa corte em que era patente o influxo dos modelos culturais de matriz italiana, ou ainda um conjunto de saberes específicos, como a agricultura e a medicina, que D. Leonor fazia questão de ter representados na sua livraria, bem como nomear duas obras até hoje não identificadas.

Sempre partindo da possibilidade – hoje certeza, como assinala Delmira Custódio – de este não ser um inventário integral da sua livraria, surpreende um pouco a ausência de crónicas, com a assinalada excepção do *Supplementum Chronicarum*, do monge agostinho italiano, cronista e teólogo Giacomo Filippo Foresti da Bergamo (+1520). O *Supplementum Chronicarum* pretendia ser uma história universal desde o começo do mundo, fundindo narrativas cronísticas, de feição marcadamente medieval. Publicado pela primeira vez em 1483, em Veneza, teve grande impacto tipográfico na Europa e esteve na base do extraordinário *Liber Chronicarum* de Hartmann Schedel, com edição *princeps* em 1493<sup>2</sup>. Pela descrição no inventário – “*Suplimentum das Crónicas*” – poderia tratar-se da versão latina ou de uma tradução castelhana, como sugere Isabel Cepeda (CEPEDA 1987: 69), que foi impressa pela primeira vez em 1510 com o título *Suma de todas las Crónicas del Mundo llamado en latin Supplementum Chronicarum*, traduzida do latim para castelhano por Narcis Viñoles e impresso em Valencia por Jorge Costilla em 1510.

Uma outra entrada que queremos destacar é relativa a uma obra descrita “Das cousas que há em Roma” (CEPEDA 1987: 73), descrição vaga e que impossibilita a sua identificação. Mas é possível que se tratasse da obra pioneira de Francesco Albertini intitulada *Opusculum de Mirabilibus Novae & Veteris Urbis Romae*, publicada em Roma por Jacobum Mazochium, em 1510, que apesar de não ter imagens é considerada como o mais importante guia dos edifícios da Roma antiga na primeira metade do século XVI. Podemos também aventar a hipótese de ser um exemplar da obra *Epigrammata Antiquae Urbis*, primeira grande recolha epigráfica impressa de Roma, publicada em 1521, ilustrada por gravuras que mostravam alguns edifícios e monumentos da cidade, como o Panteão e o arco de Constantino, muito cedo conhecida nos círculos cultos da corte portuguesa. Na verdade, Luís Teixeira, mestre do futuro D. João III, possuía um exemplar da obra *Epigrammata Antiquae Urbis*, na sua edição de 1525, que ainda hoje se conserva na Biblioteca Nacional (BNP Res. 1000//1 A.), referenciado por Sylvie Deswarte (DESWARTE 2012: 30-33), e que posteriormente pertenceu a Francisco de Holanda, que dele se serviu como “guia” em Roma (DESWARTE 1988: 198, 261). O facto é que, até à sua morte em 1525, a rainha permaneceu atenta ao mundo, como o comprova a escrita a seu pedido e a publicação em 1523 por si patrocinada, do tratado de Fr. António de Beja contra a astrologia judiciária, pelo que um livro editado em 1521 poderia ainda ter integrado a sua livraria.

---

<sup>2</sup> O *Supplementum Chronicarum* foi traduzido em italiano em 1491, com edições sucessivas: Brescia, 1485; Veneza, 1486, a primeira com ilustrações, 1490 e 1492; Nuremberga, 1503; Veneza, 1503 e 1506; Paris, 1535, e outras.

Exemplar da irradiação da cultura Antiga, dos seus valores, modelos e mitos na cultura literária e artística do Renascimento era a obra *Metamorphoseon Libri XI* do filósofo platónico Lucius Apuleius (séc. II d.C) mais conhecida como *O Asno de Ouro*, sobre o mito de Eros e Psique, a história de amor greco-romana de maior fortuna na cultura europeia, sobretudo a partir do Renascimento (AA. VV. 2013). Redescoberto no século XIV por Boccaccio, *O Asno de Ouro* estava presente entre os livros de D. Leonor, embora apenas identificado pelo nome do seu autor, e teve intensa circulação impressa após a edição *princeps* impressa em Roma, em 1469, tornando-se, ao longo dos séculos, um tema maior da literatura e da arte europeias<sup>3</sup>.

De cariz bem diferente, evidenciando a diversidade de interesses e matérias dos livros reunidos pela rainha, encontramos um livro de medicina, da autoria de Johannes de Ketham, médico alemão que ensinou em Itália e foi autor de um importante *Fasciculus Medicinæ*, publicado em Veneza em 1491. A obra, devedora da medicina hipocrático-galénica e astrológica então vigente, era composta por uma série de seis tratados sobre várias afecções e doenças e o respectivo tratamento, abordando o diagnóstico através da urina, a prática das sangrias, tratamento de feridas, a peste e a saúde das mulheres. Primeiro livro impresso a incluir ilustrações anatómicas, o que contribuiu também para o seu impacto, teve a sua primeira edição em língua castelhana em 1494, com o título *Compendio de la salud humana*, publicada em Saragoça, por Pablo Hurus.

Sabemos que era precisamente esta a edição que se encontrava na livraria da rainha. Um exemplar deste incunábulo, que pertence hoje ao Museu Nacional de Arqueologia (Cota antiga: LA/3. Localização: LA/INC/1 (BMNARQ) – 16089) a que faltam vários fólhos, apresenta em nota manuscrita no fólho 1, a marca de posse de D. Leonor, que já encontrámos noutros livros que lhe pertenceram: “este livro nom se pode dar fora sob pena d’escomunhão porque foy da raynha dona Leonor”<sup>4</sup>. Os fólhos em falta dizem respeito ao quarto tratado, relativo às doenças das mulheres “ – Siguese el quarto tractato delas dolencias

<sup>3</sup> Edição *princeps* Roma, Giovanni Andrea de Bussi, 1469, comentado por Beroaldo. Há um número muito elevado de edições impressas: Bolonha, 1499/1500, Roma, 1472, 1499, Veneza 1488, 1493, 1500, 1504, 1515, 1560... Todas as edições descendem de um único manuscrito F (Florença, Laurentianus 68-2) copiado no Montecassino nos finais do século XI. Referenciamos na BNP um exemplar da edição veneziana de 1504, com comentários de Beroaldo (Res. 367 A), um da edição também veneziana de 1510 (Res. 366 A), proveniente do Convento de Santa Maria de *Scala Coeli*, Évora, bem como dois exemplares da edição latina de 1521 (Res. 1774 P e Res. 5905 P).

<sup>4</sup> O incunábulo, sem capa de encadernação, possui um fólho em branco (muito danificado) antes da página de rosto e outro fólho, em branco (solto) depois do último fólho numerado (LXV = 65). Total de fólhos = 67, estando em falta os fólhos relativos à “saúde das mulheres”. Agradecemos a generosidade do Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. António Carvalho, que nos facultou toda a detalhada informação sobre este incunábulo e a respectiva digitalização integral. Numa edição conjunta com o jornal *Público* e com a editora A Bela e o Monstro, este incunábulo foi objecto de edição fac-similada publicada em 2022.

delas mujeres” (fol. 15-25), bem como a várias gravuras do corpo humano, desaparecimento certamente devido a um acto de censura posterior<sup>5</sup>.

Significativamente, no testamento desta rainha tão empenhada na assistência e fundadora de um hospital, logo após traçar o destino dos seus livros, a rainha legava também ao mosteiro toda a sua botica, e determinava que o que lhe não fosse necessário fosse repartido em partes iguais pela “Enfermaria de Enxobregas, e de Santa Clara, e a do Moesteiro de JESU, que esta em Setuval [...]” (FR. JERÓNIMO DE BELÉM 1755: 87).

A medicina era um dos muitos saberes contemplados na monumental obra *De Proprietatibus rerum* (c. 1240) do franciscano Bartholomaeus Anglicus (†1272), ou de Glanville, uma das mais difundidas enciclopédias medievais, verdadeira suma dos saberes de então. Deus e as criaturas angélicas inauguravam um itinerário que conduzia o leitor pelas partes e órgãos que compunham o corpo humano, as idades da vida, enfermidades e doenças, astrologia, os quatro elementos, terras do mundo, os mundos animal, vegetal e mineral, as cores e os sabores, fascinante percurso de um livro sobre as propriedades de todas as coisas, aspirando a um saber universal. O livro surge no rol de 1537 com o título *De Proprietatibus Rerum*, pelo que não podemos assegurar se se tratava de uma edição em latim ou em castelhano, cuja primeira edição impressa, com o título *El Libro de Proprietatibus Rerum*, trasladado del latín en romance por Fray Vicente de Burgos, Toulouse, Heinrich Mayer, 1494<sup>6</sup>, inclinando-se Isabel Cepeda para que se tratasse de uma edição em língua castelhana (CEPEDA 1987: 64).

## 5. Duas obras que agora se identificam

Reservamos para o final duas referências a obras manuscritas da livraria da rainha D. Leonor que identificámos, ambas, por motivos bem diferentes, de grande interesse e significado. A primeira delas diz respeito a uma autora representada na livraria da rainha, Christine de Pisan (1364-1430?)<sup>7</sup>. Recor-

<sup>5</sup> A consulta do exemplar da BNE permite recuperar a informação dos fólhos desaparecidos e, apesar de alguns fólhos estarem também rasurados, reconstituir os seus conteúdos: entre fol. 7v e 8: fol. em branco, figura humana, fólho branco; faltam fólhos 14 (também no exemplar da BNE) -25, bem como imagem dupla do corpo humano; falta fólho 32; o fólho 42 está repetido; fol. 47r repetido (ex. BNE não tem 47v); faltam fólhos 49, 52.

<sup>6</sup> A BNP possui um exemplar deste incunábulo da obra de Bartholomaeus Anglicus, *El Libro de Proprietatibus Rerum*, trasladado del latín en romance por Fray Vicente de Burgos, que pode ser consultado em [https://purl.pt/32009/4/inc-536\\_PDF/inc-536\\_PDF\\_24-C-R0150/inc-536\\_0000\\_capa-cap\\_a\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/32009/4/inc-536_PDF/inc-536_PDF_24-C-R0150/inc-536_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf)

<sup>7</sup> Sobre a vida e obra de Christine de Pisan, entre muitas outras, v. a excelente síntese de Maria Vicenta HERNÁNDEZ ALVAREZ 2017.

daremos que Christine de Pisan redigiu em 1405 uma obra de carácter didáctico-moralístico, o *Livre des Trois Vertus*, visando a educação de três estados de mulheres – princesas, damas da corte e mulheres de inferior condição, que alcançou grande notoriedade nomeadamente em meio cortesão.

Como sabemos, não é consensual a opinião dos eruditos sobre a chegada do manuscrito francês a Portugal. Nos *Livros Antigos Portugueses (1489-1600)...*, D. Manuel II sustenta que o manuscrito do *Le Livre des Trois Vertus* teria sido trazido de França pelo infante D. Pedro, que o ofereceu a sua filha D. Isabel (I, 1929: 349-355), mulher de D. Afonso V, cuja primeira versão portuguesa foi por ela ordenada entre 1447 e 1455. O respectivo manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional de Espanha e foi publicado em 1961 por Dorothy Carstens-Grokenberger. Por seu turno Charity Cannon Willard considera que a presença em Portugal desta obra de Christine de Pisan deve ser vista no contexto das relações portuguesas com a corte da Borgonha (WILLARD 1963: 459-464; 1965: 961-969; CRISPIM 2002: 15-37), estreitadas com o casamento de Isabel, filha de D. João I, com o duque Filipe o Bom, em 1430. Como era usual, a infanta levou livros consigo quando casou, teve preocupações de natureza cultural e acção mecenática de algum relevo na Borgonha, e manteve contacto próximo com a sua família portuguesa<sup>8</sup>. Mais recentemente, foi avançada a hipótese de o manuscrito ter chegado à corte portuguesa em tempos da rainha Filipa de Lencastre, embora tendo sido traduzido mais tarde, por iniciativa da rainha D. Isabel (MENDONÇA 2014: 53-68). A rainha D. Leonor, como já evocámos, ordenou a publicação da obra de Pisan em tradução portuguesa, em 1518, com o título de *Espelho de Cristina*<sup>9</sup>. O manuscrito que esteve na base desta edição é uma versão diferente do manuscrito de Madrid (WILLARD 1963: 460), o que comprova o acolhimento desta obra de Pisan na corte portuguesa<sup>10</sup>.

### 5.1. “O Livro de bons costumes”

Ora, no rol de 1537 surge uma obra descrita apenas como “Livro de bons costumes” (CEPEDA 1987: 71), que identificámos como sendo uma outra obra da autoria de Christine de Pisan, intitulada no original francês *Le Livre*

---

<sup>8</sup> Não se conhece qualquer inventário dos seus livros (WIJSMAN 2010: 177). Sobre a posse de manuscritos e acção mecenática, ib.: 177-87. VAN HOOREBEECK sublinha que “le rôle fondamental d’Isabelle de Portugal en matière de pédagogie et de sensibilisation à une certaine forme de culture humaniste a été amplement démontré” (2014: 138).

<sup>9</sup> Objecto de edição fac-similada com Introdução de Maria Manuela Cruzeiro em 1987.

<sup>10</sup> Devemos a CRISPIM 2002: 15-72, um ponto de situação sobre o intrincado problema dos manuscritos desta obra.

*des faits et bonnes mœurs du sage roi Charles V*<sup>11</sup>. Trata-se de uma biografia do rei Carlos V de França, falecido em 1380, e foi encomendada a Christine em 1404 por Filipe da Borgonha, irmão do monarca, o que provocou alguma hostilidade de quem considerava o género cronístico um território masculino (HERNÁNDEZ ALVAREZ 2017: 18-19 e 24).

Através da construção panegírica de Carlos V, seu protector, num texto destinado à educação de Luís, então herdeiro do trono, Christine de Pisan erigiu um retrato ideal do bom príncipe (BLANCHARD 2020: 61-70), enfatizando as virtudes da prudência e da cavalaria (DUDASH 2008). Inscrevia-se na ampla tradição medieval dos *specula principis*, que teve também um eco singular na corte portuguesa, num momento em que era necessário legitimar a nova dinastia de Avis (BUESCU 1996: 46-52).

Neste âmbito deve evocar-se a figura do infante D. Pedro (+1449), pelo conjunto de iniciativas textuais de grande coerência cultural e política, de que destacamos a sua eventual tradução – perdida – do *De Regimine Principum* (c. 1287) de Egídio Romano, uma das obras da literatura política medieval sobre o ofício de rei de maior circulação europeia entre finais do século XIII e o século XVI, verdadeira *summa* do pensamento medieval sobre a realeza. O cronista Rui de Pina atribuiu a tradução ao infante D. Pedro, no que foi seguido no século XVIII por Barbosa Machado. Esta atribuição está contudo longe de ser consensual, e enquanto Joaquim de Carvalho dá crédito à informação de Rui de Pina, Joseph Piel atribui a tradução a Vasco Fernandes de Lucena. Também esta versão portuguesa se perdeu, embora tal facto pareça ter ocorrido bastante tardiamente. Na verdade, no século XIX o historiador Alexandre Herculano parece ter visto ainda um fragmento do *Regimento de principes* da livraria de D. Duarte.

D. Pedro fez também traduzir um dos modelos mais relevantes da literatura política desde a Antiguidade, o *Panegírico* de Plínio a Trajano, bem como a obra *De Ingeniis Moribus et Liberalibus Studiis* (1402-3) de Pier Paolo Vergerio (+1444), considerada o primeiro tratado humanista sobre educação. A obra de Vergerio foi objecto de intensa difusão e circulação, manuscrita e impressa, nos séculos XV e XVI. Desta tradução resta somente o prólogo, embora saibamos que permanecia ainda na livraria de D. João V (r. 1707-1750). Numa mesma linha de intenção política deve-se talvez também à sua iniciativa o *Tratado das Virtudes que ao Rei Pertencem*, ainda destinado ao jovem monarca seu sobrinho, da autoria de Vasco Fernandes de Lucena, de que também só resta o prólogo. Em suma: a literatura especular teve um lugar de grande destaque na corte dos

---

<sup>11</sup> Texto integral da crónica *Le Livre des faits et bonnes mœurs du sage roi Charles* de Christine de Pisan em [https://books.google.pt/books?id=VJLZtgAACAAJ&pg=PA17&hl=pt-PT&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=VJLZtgAACAAJ&pg=PA17&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false)

príncipes de Avis, pelo que não espanta a presença na livraria da rainha de um modelo do bom governante, neste caso de autoria feminina, porventura pensado à intenção da educação do seu filho e herdeiro Afonso.

Claro que são mais as dúvidas do que as certezas perante esta obra singelamente descrita como “livro dos boos costumes”: seria um manuscrito, em tradução portuguesa, como parece sugerir a breve descrição? Destiná-la-ia a rainha a uma eventual edição impressa? Poderia também tratar-se de um manuscrito no original francês, que também existia na livraria de Isabel a Católica (+1504) (HERNÁNDEZ ALVAREZ 2017: 30), uma vez que não existiu à época, e durante vários séculos, qualquer tradução castelhana das obras de Christine: as primeiras traduções para castelhano datam de finais do século XX e princípios do século XXI. No caso do *Le Livre des faits et bonnes mœurs du sage roi Charles*, de 2012<sup>12</sup>.

A presença destas duas obras de Christine de Pisan na corte portuguesa testemunha e vem reconfirmar as estreitas relações, também literárias, com a corte da Borgonha na primeira metade do século XV, e o conhecimento de uma autora extremamente valorizada na época, sendo que uma dessas obras sobreviveu graças à edição impressa promovida por D. Leonor, em 1518, e a outra desapareceu, caindo no esquecimento.

## 5.2. “*De ornatu mulierum dialogus*”

A segunda obra que queremos destacar é descrita no rol de 1537 como “*De ornatu mulierum dialogus*”, descrição que diz obviamente respeito a um texto relativo ao mundo das mulheres, mas que ao ser publicado o inventário não foi identificado no conjunto dos livros da rainha D. Leonor (CEPEDA 1987: 59). O facto é que esta obra traz à luz uma componente desconhecida e diferente da sua livraria. O *De Ornatu* é um pequeno tratado medieval, que em conjunto com outros dois textos, de autores diferentes, tomou na Idade Média o nome de *Trotula*. São eles: o *Liber de Sinthomatibus Mulierum/Livro sobre os Sintomas das mulheres*; o *De Curis Mulierum/Sobre os tratamentos das mulheres*; e o *De Ornatu Mulierum/Sobre os cosméticos das mulheres*.

A autoria destes três textos, envolta em mistério e alvo de controvérsia, foi tradicionalmente atribuída a uma mulher, de nome *Trotula*, que teria sido a primeira mulher professora de medicina nos séculos XI-XII na cidade de Salerno, no sul de Itália, de cuja afamada escola e cultura médica os textos efectivamente derivam. Apesar de persistir a convicção da existência de uma

---

<sup>12</sup> Raquel HOMET FLORENSA (trad.) (2012). *Libro de los hechos y buenas costumbres del Sabio Rey Carlos V: Traducción de la obra de Cristina de Pizan*. Editorial Académica Española.

mulher chamada Trotula enquanto autora dos três tratados<sup>13</sup>, investigações recentes defendem que apenas o segundo deles, o *De Curis Mulierum*, será efectivamente do trabalho de uma médica salernitana chamada Trota, de onde aliás o nome *Trotula* deriva, enquanto os dois outros foram muito provavelmente de autoria masculina<sup>14</sup>.

Em todo o caso, e apesar de todas as incertezas, o *Trotula*, que resulta da interacção de variadas tradições médicas e culturais, constituiu o mais influente compêndio de saúde feminina na Idade Média, circulando intensamente em manuscrito sobretudo a partir do século XIII. O último destes três tratados, o *De Ornatu Mulierum* era um pequeno receituário de beleza, considerado por alguns autores como o primeiro tratado europeu de cosmética se bem que a fronteira entre higiene, cosmética e medicina fosse então bastante fluida (CAVALLO et al. 2008: 79-86; MOULINIER-BROGI 2011: 43). O seu impacto foi tão significativo que o tema do *ornatus* passou a integrar os tratados de medicina a partir dos séculos XIII e XIV, alcançando também grande popularidade nomeadamente em meio cortesão (MOULINIER-BROGI 2011: 39). Era precisamente este tratado, ou uma sua adaptação ou versão, que existia na livraria da rainha D. Leonor.

O protagonismo do *De Ornatu*, como os outros dois tratados com os quais formava o *Trotula*, era o corpo feminino, mas ao contrário daqueles privilegiava não a componente ginecológica, as afecções e as doenças, mas a aparência, a beleza e o bem-estar físico das mulheres. Consistia em gestos de beleza (ROSSEL 1999), através de um conjunto de receitas e remédios naturais para a pele, cabelo, rosto, lábios, dentes e genitália. Ao contrário dos outros tratados que compunham o *Trotula*, o *De Ornatu* reflectia estritamente a dimensão empírica da escola médica de Salerno, isto é, não tratava de condições médicas, as suas causas ou os seus tratamentos, mas descrevia em detalhe as preparações cosméticas, em que entravam frutos, plantas, minerais, óleos, mel, vinho e substâncias animais, e as suas aplicações (GREEN 2002: 3). O cuidado inicial era o banho, protagonista dos gestos de beleza desde a Antiguidade (*LE BAIN ET LE MIROIR* 2009), a que se seguiam receitas para remover pelos indesejados, cuidar da pele e torná-la mais branca, combater as rugas, ocultar borbulhas, tratar quemaduras do sol, amaciar os lábios; mas também conselhos de maquilhagem, como cuidar, perfumar e pintar o cabelo, tratar dos dentes, receitas para tratar e colorir os lábios (GREEN 2002: 113-124).

---

<sup>13</sup> V. por ex. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35822229/> <https://germinablog.wordpress.com/trotula-de-ruggiero> ou o artigo português da Wikipédia [https://pt.wikipedia.org/wiki/Trotula\\_de\\_Salerno](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trotula_de_Salerno)

<sup>14</sup> V. os estudos de Monica H. GREEN, a maior especialista sobre o tema, nomeadamente: GREEN 2002. Actualizações sobre a temática por GREEN, [https://www.academia.edu/41537366/WHO\\_WHAT\\_IS\\_TROTULA\\_2020](https://www.academia.edu/41537366/WHO_WHAT_IS_TROTULA_2020).

Vejamos, por exemplo, uma das receitas para pintar os lábios:

Toma-se mel desnatado, ao qual juntam um pouco de briónia branca, briónia vermelha<sup>15</sup>, sumo de pepino e um pouco de água de rosas. Ferve-se tudo até reduzir para metade. Com este unguento, as mulheres pintam os lábios (GREEN 2002: 121).

Ou esta outra, entre várias para pintar o cabelo de louro:

Toma-se casca média de buxo, flor da giesta, açafraão e gemas de ovo e coze-se em água. Recolhe-se o que flutuar em cima e passa-se pelo cabelo (GREEN 2002: 116)

ou para ter um longo cabelo negro:

se a mulher quiser ter cabelos compridos e pretos, tome um lagarto verde e, depois de lhe tirar a cabeça e a cauda, coza-o em óleo comum. Untar a cabeça com este óleo. O cabelo fica comprido e negro (GREEN 2002: 115).

Mais uma vez, também neste caso não sabemos se o manuscrito possuído por D. Leonor era em latim ou em vernáculo. A possibilidade de se tratar de uma tradução é pertinente, pois que no século XIII o *Trotula* foi traduzido, no todo ou em parte, para anglo-normando<sup>16</sup> e francês antigo, e nos séculos XIV e XV para neerlandês, inglês médio, francês, alemão, irlandês e italiano, surgindo maioritariamente em miscelâneas médicas; recentemente foi descoberta uma tradução para catalão também numa miscelânea médica do século XV (Florença, Biblioteca Riccardiana). De acordo com cômputos recentes (GREEN 1996: 137-175; 1997: 80-104; 2002: 52-61; 2020: 5-7), existem mais de 130 cópias das versões latinas do *Trotula*, e mais de 60 manuscritos das muitas traduções para vernáculo, sendo que parte do *Trotula*, mas não o *De Ornatu*, conheceu a primeira edição impressa apenas em 1544<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Planta trepadeira (*bryonia dioica*), da família das cucurbitáceas, com uso medicinal.

<sup>16</sup> *L'Ornement des Dames (Ornatus Mulierum). Texte anglo-normand du XIIIe siècle: le plus ancien recueil en français de recettes médicales pour les soins du visage, publié avec une introduction, une traduction, des notes et un glossaire* par Pierre Ruelle (1967). Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles.

<sup>17</sup> Pelo médico e humanista alemão Georg Kraut, em Estrasburgo, na tipografia de Johannes Schottus, com o título *Experimentarius medicinae*, juntamente com outras obras médicas, com destaque para Hildegard de Bingen. [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_rExBAAAAcAAJ/page/n9/mode/2up](https://archive.org/details/bub_gb_rExBAAAAcAAJ/page/n9/mode/2up).

## Conclusão

As duas obras que agora se identificam, que integramos no contexto dos livros profanos da rainha D. Leonor têm grande relevância e significado cultural, embora de diversa natureza. A primeira, descrita como *Livro de bons costumes*, corresponde à crónica do rei Carlos V de França da autoria de Christine de Pisan, confirmando o conhecimento na corte portuguesa de uma autora então muito prestigiada através não de uma, mas de duas das suas obras. A segunda, o *De Ornatu*, pequeno receituário de beleza traz, sem dúvida, a uma nova luz uma vertente que não sabíamos presente entre os livros de D. Leonor.

Quem sabe se, tendo sobrevivido aos séculos, não terá alguém a fortuna de encontrar o manuscrito, talvez em versão portuguesa, da crónica de Christine de Pisan, ou, a ter existido, da versão latina ou da tradução portuguesa do pequeno tratado sobre as mulheres e o seu corpo, de grande fortuna e circulação desde a Idade Média, que, sabemos agora, estiveram entre os livros dessa notável mulher que foi a rainha D. Leonor.

## Fontes

- Compendio de la salud humana* (2002). Saragoça: Pablo Hurus (1494), edição fac-similada do exemplar do MNA. Lisboa: Público e A Bela e o Monstro.
- JERÓNIMO de Belém, Fr. (1755). *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves [...]*, Parte Terceira, que trata da origem, fundaçam, e progressos do real Mosteiro da Madre de Deos de Xabregas, com as vidas de seus Regios Fundadores, a Senhora Dona Leonor, molher do Senhor D. João o II [...]. Lisboa: Mosteiro de São Vicente de Fora <https://www.digitale-sammlungen.de/de/view/bsb10939852?page=5>
- KETHAM, Johannes de (1494). *Compendio de la salud humana*. Saragoça: Pablo Hurus. <https://bdh.bne.es/bnesearch/detalle/bdh0000052266>
- PIZAN, Christine de (2002). *O Livro das três virtudes. A ensinança das damas*, ed. crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho.

## Bibliografia

- AA. VV. (2013). *Psyché à la Renaissance*, actes du LII<sup>e</sup> Colloque International d'Études Humanistes (29 juin-2 juillet 2009), textes réunis et édités par Magali Bélimé-Droguet, Véronique Gély, Lorraine Mailho-Daboussi et Philippe Vendrix. Turnhout: Brepols.

- AA.VV. (2009). *Le bain et le miroir. Soins du corps et cosmétiques de l'Antiquité à la Renaissance*. Paris: Gallimard.
- BLANCHARD, Joël (2020). “Le Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V de Christine de Pizan: Aristote support de l’engagement politique?”, in Étienne Anheim et Patrick Boucheron (éd.), *De Dante à Rubens: l’artiste engagé*. Paris: Éditions de la Sorbonne, Publications de l’École française de Rome, 61-70. <https://doi.org/10.4000/books.psbbonne.83440>
- BUESCU, Ana Isabel (1996). *Imagens do Príncipe. Discurso normativo e representação (1525-1549)*. Lisboa: Cosmos.
- BUESCU, Ana Isabel (2016). *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- CÁTEDRA, Pedro M. e ROJO, Anastasio (2004). *Bibliotecas y lecturas de mujeres. Siglo XVI*. Madrid: Instituto de Historia del Libro y de la Lectura.
- CAVALLO, P.; PROTO, M.C.; PATRUNO, C.; del SORBO, A.; BIFULCO, M. (2008). “The first cosmetic treatise of history. A female point of view”. *International Journal of Cosmetic Science*, 30, 2, 79-86. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2494.2007.00414>
- CEPEDA, Isabel Vilares (1987). “Os livros da Rainha D. Leonor, segundo o códice 11 352 da Biblioteca Nacional, Lisboa”. *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, 2, 2, 51-81.
- CRISPIM, Maria de Lourdes (2002). “Introdução” a Christine de Pizan, *O Livro das Tres Vertudes. A insinança das damas*, ed. Crítica. Lisboa: Ed. Caminho, 15-37.
- CUSTÓDIO, Delmira Espada (2018). *As perfeitíssimas Horas da rainha D. Leonor*. Lisboa: BNP e Madrid/La Massana: Taberna Libraria – A4 Edições.
- DESWARTE, Sylvie (1988). “La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)”, in *O Humanismo Português 1500-1600. Primeiro Simpósio Nacional 21-25 de Outubro de 1985*. Lisboa: Academia das Ciências, 177-307.
- DESWARTE, Sylvie (2012). “Le voyage épigraphique de Mariangelo Accursio au Portugal, printemps 1527”, in Maria Barbara and Karl A. E. Enenkel (ed.), *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leyden: Brill, 17-111.
- DUDASH, Susan J. (2008). “Prudence et chevalerie dans le Livre des faits et bonnes meurs du sage roy Charles V”. *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 16|2008, mis en ligne le 15 décembre 2011. <http://journals.openedition.org/crm/10872>; <https://doi.org/10.4000/crm.10872> (consultado a 07/04/2025).

- GREEN, Monica H. (1996). “A Handlist of the Latin and Vernacular Manuscripts of the So-Called *Trotula*. Texts. Part I: The Latin Manuscripts”. *Scriptorium*, 50, 137-175.
- GREEN, Monica H. (1997). “A Handlist of the Latin and Vernacular Manuscripts of the So-Called *Trotula*. Texts. Part II: The Vernacular Texts and Latin Re-Writings”. *Scriptorium*, 51, 80-104.
- GREEN, Monica H. (2002). *The Trotula. An English Translation of the Medieval Compendium of Women’s Medicine* (ed. e trad.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- GREEN, Monica H. (2020). [https://www.academia.edu/41537366/WHO\\_WHAT\\_IS\\_TROTULA\\_2020](https://www.academia.edu/41537366/WHO_WHAT_IS_TROTULA_2020), 5-7.
- HERNÁNDEZ ALVAREZ, Maria Vicenta (2017). *El camino del largo estudio de Christine de Pizan*, Intr. e trad.. Sevilla: ArCiBel Editores, 11-30 [https://escritoras.usal.es/wp-content/uploads/sites/17/2020/06/Hern%C3%A1ndez%20C3%81lvarez\\_El-camino-interior\\_1.pdf](https://escritoras.usal.es/wp-content/uploads/sites/17/2020/06/Hern%C3%A1ndez%20C3%81lvarez_El-camino-interior_1.pdf)
- HOOREBEECK, Cécile Van (2014). *Livres et lectures des fonctionnaires des ducs de Bourgogne (vers 1420-1520)*. Turnhout: Brepols.
- LOWE, Kate (2000). “Rainha D. Leonor of Portugal’s Patronage in Renaissance Florence and Cultural Exchange”, in K. J. P. Lowe (ed.), *Cultural Links Between Portugal and Italy in the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 225-248.
- MANUEL II, D. (1929). *Livros Antigos Portugueses (1489-1600)*. I. Cambridge: University Press, Londres: Maggs bros.
- MARTINS, Mário (1958). “A rainha D. Leonor e os livros”. *Brotéria*, LXVII, 4, 249-257.
- MENDONÇA, Manuela (2014). “O Espelho de Cristina (Séc. XV)”. *História Revista*, Goiânia, 18, 1, 53-68. DOI: 10.5216/hr.v18i1.29903. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/29903> (acesso a 06/04/2025).
- MOULINIER-BROGI, Laurence (2011). “Les soins du corps à la cour de France au tournant du XVe siècle”, in Catherine Lanoë, Mathieu da Vinha & Bruno Lauriou (dir.), *Cultures de Cour, Cultures du Corps XVe-XVIIIe siècle*. Paris: Presses de l’Université Paris-Sorbonne, 31-50.
- RESENDE, Vasco (2018). “La diffusion européenne de l’édition portugaise du Livre de Marco Polo (1502)”, in A. Dan Boulou & G. Tolia (eds.), *Orbis disciplinae: Hommages en l’honneur de Patrick Gautier Dalché*. Turnhout: Brepols Publishers, 537-554.
- ROSSEL, Marie Geneviève (1999). “Entre médecine et magie, les gestes de beauté”, in *Le Geste et les Gestes au Moyen Age*. Aix-en Provence: Presses

- Universitaires de Provence, 255-272. <https://books.openedition.org/pup/3511>
- SÁ, Isabel dos Guimarães (2016). *Leonor de Lencastre. De princesa a rainha-velha*. Col. Rainhas de Portugal, coord. Ana Maria S. A. Rodrigues, Isabel dos Guimarães Sá, Manuela Santos Silva. Lisboa: Temas e Debates.
- SOLÉ, Jacques (1979). *Les mythes chrétiens. De la Renaissance aux Lumières*. Paris: Albin Michel.
- SOUSA, Ivo Carneiro de (2002). *A Rainha D. Leonor (1458-1525). Poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- VITERBO, Francisco de Sousa (1902). “A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel”, in *Historia e Memorias da Academia Real das Ciencias de Lisboa*, 9, 1, 1-73.
- WIJSMAN, Hanno (2010). *Luxury Bound. Illustrated Manuscript Production and Noble and Princely Book Ownership in the Burgundian Netherlands (1400-1550)*. Turnhout: Brepols.
- WILLARD, Charity Cannon (1963). “A Portuguese Translation of Christine de Pisan’s *Livre des trois vertus*”. *Publications of the Modern Language Association of America*, 78, Nova Iorque, 459-464.
- WILLARD, Charity Cannon (1965). “Isabel de Portugal and the French Translation of the ‘Triunfo de las Doñas’”. *Revue Belge de Philologie et d’Histoire*, 43, 961-969.

[texto escrito no antigo acordo ortográfico]

